

Dor mental e pesquisa

Mental pain and research

Aprendemos no decurso da história que, muitas vezes, verdades incontestes se revelam apenas como sistema de crenças. O presente permite sempre pequenas oportunidades de apreensão de sua natureza. Utilizamos referências do passado que, sem dúvida, contêm as raízes do atual, mas são predominantemente memórias e, portanto, insuficientes para nos orientar. Tendemos a preencher nosso vazio com expectativas e adentramos a área do pensamento desejante. Se pudermos nos ater às perplexidades do presente, estaremos em área traumática, mas este é o único solo onde se pode construir um pensamento novo. Tempos inéditos requerem pensamentos novos.

A pesquisa goza de prestígio imediato, tem aceitação inquestionável por receber a qualificação de científica. Colocá-la em questão é um risco, mas não deixa de ser uma necessidade que se impõe mesmo que, em um espaço restrito, as questões possam apenas ser esboçadas.

Em primeiro lugar, devemos pontuar que essa atividade, como a temos hoje, considerada como dada e inquestionável, é datada. A pesquisa atual na área de saúde mental adquire suas características na era Reagan, época em que se definiu uma mudança ideológica. As imensas verbas de um país como os EUA se distanciam dos fatores sociais, comunitários e psicológicos, buscando uma objetividade, uma possível economia de recursos estatais e, talvez não por acaso, privilegiam-se grandes grupos econômicos. Se na década de 80, entre as 10 maiores empresas do mundo não figurava nenhum laboratório farmacêutico, na década de 90 já temos na lista três deles, dois dos quais maiores que a Nestlé.

Na Europa, da mesma forma, com o Estado do bem-estar social em crise e o thatcherismo em ascensão, as verbas se deslocam. A própria psicanálise tem cada vez mais que justificar sua existência, baseada em classificações de comportamentos indesejados e sucessos terapêuticos adaptativos. Não há ciência que não inclua enquadres ideológicos - o positivismo é o maior exemplo disso.

Na modernidade, o humano começa a interessar à ciência. O modelo científico predominante baseia-se na obtenção de identidades para seus objetos e classificações que os ordenem. Assim é a botânica de Lineu e a psiquiatria de Kraepelin. Mas esse modo enfrenta posteriormente uma crítica que se inicia na física e se espalha pelas ciências humanas, e a própria psicanálise é fruto dessa crise.

Hoje, pós-modernos, vemos como que uma retomada desse modelo, mas com outro princípio. Se já se pode exercer uma crítica das verdades da ciência, sua temporalidade e seu caráter necessariamente parcial, o paradigma do êxito e dos resultados se impõe. Enquanto num primeiro momento a ciência positiva chegou à sua crise como tragédia, em seu retorno podemos dizer que o risco é de farsa, na medida em que o saber busca predominantemente a adaptabilidade e o sucesso.

Não há dúvida de que assistimos a um enorme progresso na área do conhecimento e da abordagem do sofrimento psíquico, o que, por outro lado, pode obscurecer a complexidade do objeto. Tomemos o exemplo da psicanálise, estranha ciência que investiga o inconsciente: a primeira complicação advém da virtualidade e da inacessibilidade de seu objeto. Ele não é capturável como matéria e não se submete a quantificações. A via régia de seu

conhecimento se faz através dos sonhos, que são assim retirados da feitiçaria e da magia. A prática clínica e terapêutica é seu método de pesquisa. A singularidade da experiência é sua regra. O conhecimento se faz nos marcos da relação entre duas pessoas, em que uma associa livremente e a outra ouve com atenção flutuante, havendo entre ambas o fenômeno diáfano da transferência. Nada mais distante das formas tradicionais do saber. Hoje, mais de um século após seu nascimento, temos uma seara enorme de conhecimentos que vêm dessa experiência. As contribuições de autores como Lacan, Melanie Klein, Winnicott, Bion e Laplanche nos chegam a partir desse método. Podemos falar em pesquisa, porém não é aquela advinda dos métodos de outras ciências; tem uma identidade, um rigor e uma ética própria. Seus conhecimentos se espalham e fazem parte de uma visão pedagógica, antropológica, sociológica, filosófica, da teoria da arte e até do pensar cotidiano.

Tais conhecimentos, longe da situação da experiência analítica, se tornam objetos conscientes e, portanto, de outra ordem. Conceitos como mecanismos de defesa, transferência, sexualidade infantil e tantos outros, quando vistos como concretos, perdem seu caráter, perdem seu registro inconsciente. Por outro lado, essa abordagem permite a utilização de questionários, provas, séries estatísticas que desfrutem, como já dito aqui, de tanto reconhecimento. Talvez tudo isso sirva para divulgar e “provar” a utilidade de formas de terapia, ainda que não traga novos conhecimentos. As patologias, assim como os recursos terapêuticos, tornam-se *commodities*. Não por acaso, atualmente é necessário identificar as fontes de recursos das pesquisas publicadas nas revistas médicas especializadas. Há uma permanente suspeita de cooptação da ciência pelo poder e o modo da economia e do lucro. A produção social requer seres menos complexos e o próprio trabalho tende a se tornar uma *commodity*.

Em psicanálise, aprendemos sobre o caráter subversivo do saber, a fugacidade do objeto a ser conhecido e desenvolvemos a capacidade de tolerar a impossibilidade de captura do objeto do nosso conhecimento. Aprendemos também sobre a fertilidade das crises e sobre a potencial destrutividade dos saberes que ignoram sua fragilidade. Aprendemos que o desejo, este grande motor do humano, não encontrará sua paz. Nem mesmo o desejo de saber, pois este é um desejo que não se revela aos homens em sua substância. Cada conhecimento, tal como Jano, terá duas faces: uma de revelação e outra de percepção de novos abismos.

As diversas formas de abordar e pesquisar o sofrimento psíquico não são contraditórias. Simplesmente há que se respeitar as diferenças de objeto, método e propósito. Há muito a ganhar no diálogo entre elas e sua acomodação prematura seria um desperdício. Sua justaposição não cria uma visão de totalidade e suas contradições não as destroem. Há que considerar que conflito, sofrimento e crise não são apenas a causa de dor, são também ponto de partida da criatividade e do desenvolvimento.

Leopold Nosek
Sociedade Brasileira de Psicanálise

Referência

1. Blaya C, Dornelles M, Blaya R, Kipper L, Heldt E, Isolan L, Bond M, Manfro GG. Do defense mechanisms vary according to psychiatric disorder? *Rev Bras Psiquiatr.* 2006;28(3):179-84.